

Museu
Arte
Arquitetura
Tecnologia

Maat

Vivian
Sutner
Disco



Há cerca de 40 anos, a artista suíço-argentina Vivian Suter (Buenos Aires, Argentina, 1949) depois de uma viagem solitária para visitar locais arqueológicos na Mesoamérica, decidiu instalar-se em Panajachel, junto ao Lago Atitlán, uma pequena povoação predominantemente habitada pela comunidade indígena Cakchiquel, um dos povos maias majoritários na Guatemala. Desde então, Vivian Suter reside e trabalha numa antiga plantação de café, um lugar com uma vegetação deslumbrante, uma pequena floresta e um jardim, a que a artista chama o seu estúdio. Aqui o seu trabalho tomou um novo rumo. Ela descobriu um cenário estimulante onde se entregou a uma prática experimental, solitária e obsessiva, através da qual foi constituindo uma linguagem plástica única com as formas vivas deste lugar. Vivian Suter pinta habitualmente no meio do jardim. O que contemplamos nas suas pinturas predominantemente abstratas pode ter sido gerado pela visão ou simplesmente pela presença inspiradora de um detalhe ou da massa de vegetação que a rodeia. Ela pinta em telas montadas sobre grades, que serão mais tarde retiradas, e utiliza várias técnicas e materiais que incluem tinta acrílica, óleo e pigmentos misturados com cola de peixe.

Ao serem pintadas no exterior, onde frequentemente permanecem durante vários dias, semanas ou meses, as telas estão sujeitas à ação do sol, do vento, da chuva e da humidade, incorporando a terra, as folhas, os detritos e restos de insetos, ou as marcas deixadas pelos seus três cães: Tintin, Nina e Disco (o mais travesso de todos e que dá título à exposição). É um trabalho *colaborativo*, sem hierarquia ou preconceções, e com total abertura para integrar os vestígios e os efeitos casuais e imprevisíveis da natureza, o seu devir, os ritmos, as formas e as forças que têm origem e se abrigam nela.

Em 2005 e 2010, duas tempestades devastadoras provocaram estragos consideráveis no estúdio de Vivian Suter, deixando um vasto número de pinturas coberto de água e lama. Ao olhar para as pinturas danificadas, a artista encontrou algo de singular: a terra molhada e seca sobre o que havia pintado acrescentavam algo que só este tipo de acontecimentos e circunstâncias inesperados possibilitam. Foi a partir desse momento que a precariedade, a deterioração e a regeneração – aquilo que assevera a impermanência do orgânico –, foram sendo igualmente encaradas como atributos da pintura, como uma forma complementar de testemunho da relação íntima e sensível com as contingências da natureza e da meteorologia.

A prática pictórica de Vivian Suter não se organiza por séries, contudo é possível agregar trabalhos que parecem derivar de uma mesma ideia, tema ou processo criativo, ou que apresentam aspetos comuns, semelhanças, afinidades formais: telas que acumulam e sobrepõem manchas, derrames e arrastamentos multicolores configurando planos densos e caóticos onde presumimos processos de transmutação e metamorfose; grelhas que decorrem da visão do parapeito do seu estúdio, mas que lembram janelas; perfis de animais ou de plantas; traços e colunas verticais que indiciam a observação de troncos de arbustos ou árvores, mas também linhas e massas horizontais que evocam disposições topográficas ou deslocamentos de terra; varrimentos verticais que sugerem movimentos de queda, como a chuva; formas circulares que podem ser inspiradas em detalhes de plantas, frutos ou gotas de orvalho; planos monocromáticos não uniformes; desenhos que insinuam pequenos

organismos. O que descrevemos são obviamente conjecturas, hipóteses num vasto horizonte de possibilidades.

Nas exposições, as pinturas podem ser apresentadas de diferentes maneiras: montadas diretamente nas paredes, suspensas a partir do teto ou colocadas em estruturas similares às que se encontram no seu pequeno armazém em Panajachel. Vivian Suter trata cada tela como algo flexível e adaptável, podendo assumir distintas formas e posições, em que frequentemente a parte traseira é visível, com um estatuto equivalente ao da frente pintada. Além disso, as pinturas não têm uma posição definida, podendo ser apresentadas numa posição horizontal ou vertical, individualmente ou como parte de um conjunto. A forma como são expostas evidencia o seu caráter objetual, como esculturas leves que por vezes se agitam devido à ação dos visitantes ou da ventilação natural ou artificial.

Nesta exposição estão reunidas mais de 500 pinturas realizadas nos últimos dez anos, incluindo um número significativo de obras inéditas. *Disco* é coproduzida com o Palais de Tokyo, Paris, onde será apresentada no verão de 2025.

Sérgio Mah

Vivian Suter nasceu em Buenos Aires, em 1949, de pais europeus exilados na Argentina – o seu pai tinha uma fábrica de impressão têxtil em Buenos Aires, e a sua mãe, Elisabeth Wild, era artista. Aos 12 anos de idade, durante o regime de Péron, a sua família mudou-se para Basileia, na Suíça, onde Vivian estudou pintura. Em 1982, pouco tempo depois da sua primeira exposição coletiva na Kunsthalle Basel, visitou a América Latina; no ano seguinte mudou-se para Panajachel, junto do Lago Atitlán, na Guatemala. O ambiente, clima, vegetação e animais locais tornaram-se temas centrais na sua obra. As obras de Suter, pintadas sobre tela toscamente esticada e expostas sem grades e sem molduras, não têm título e não são datadas. Apresentam vestígios de chuva, lama, folhas e da presença dos seus cães Bonzo, Tintin, Nina e Disco, cujas pegadas contribuem para a qualidade

orgânica e viva das pinturas. Quando expostas, são frequentemente sobrepostas, penduradas e balançam com o vento, as correntes de ar ou com o movimento dos visitantes. As suas principais exposições incluem: Kunstmuseum Olten, 2004; Kunsthalle Basel, 2014; Bienal de São Paulo, 2014; documenta 14, Kassel e Atenas, 2017; Power Plant, Toronto, 2018; the Art Institute of Chicago, 2019; Camden Art Centre, Londres, 2020; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, 2021; Secession, Viena de Áustria, 2023. Vivian Suter está representada em importantes coleções, como a Tate em Londres, o Museu de Arte Moderna de Varsóvia, o Solomon R. Guggenheim Museum em Nova Iorque, bem como o Kunstmuseum Basel na Suíça e o Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madrid, entre outros.



Todas as obras de Vivian Suter na exposição Disco não têm título, nem data; são feitas com óleo, acrílico, pigmento, cola de peixe, terra, matéria vegetal e microrganismos da selva sobre tela; várias dimensões.

Cortesia da artista e Karma Internacional, Gladstone Gallery, House of Gaga, Projectos Ultravioleta, e dos colecionadores Carlotta Testori, Silvia Fiorucci e Charles A. Pictet.

Vivian Suter

Disco

30/10/2024 → 17/03/2025

Curador

Sérgio Mah

Produção

Ana Fryxell, assistida por

Teresa Valente

Comunicação e relação com os media

Elisabete Sá, Leonor Carrilho,

Mariana Madeira

Marca

Mariana Líbano Monteiro, Ivan Coelho,

Francisca Pereira, Francisca Pargana

Serviço visitante e educativo

Joana Simões Henriques, Vera Barreto,

Nelson Rodrigues, Inês Sampaio,

Tiago Serôdio

Coordenação editorial

Nuno Ferreira de Carvalho

Design gráfico

Claudia Lancaster

Tradução e revisão

Andrew Miller, Luísa Yokochi

Projeto de estruturas expositivas

Filipe Alarcão

Montagem

Pedro Braga dos Reis

MAAT - Museu de Arte,
Arquitetura e Tecnologia
Av. Brasília, Belém
1300-598 Lisboa

+351 210 028 130

+351 210 028 102

maat@edp.pt

Agenda

Conversa na exposição com Vivian Suter
e Sérgio Mah: 30/10/2024, 18.00.

Publicações

Catálogo a publicar durante a
exposição em parceria com Palais
de Tokyo e JRP|Editions, com textos
de François Piron e Sérgio Mah,
reproduções das obras e vistas da
instalação no MAAT.

Patrocinador da exposição



Com o apoio da Fundação Suíça
para a Cultura Pro Helvetia

Com o apoio da ArtWorks

Mecenas MAAT



Mais informações
e outros conteúdos
maat.pt
ext.maat.pt



@maatmuseum

#maatmuseum



guia de visita



30/10/2024 → 17/03/2025

